

—Acaba a pedir. Assim eu tivesse o céu tão certo—resmungava a Frágua, a sogra, pelos soalheiros.

//

A' boquinha da noite, chapéu sobre a orelha, mãos nos bolsos—ora vivam!—assomou à porta o Salvador. Baixo—chamavam-lhe o «pote da graixa»—nariz chato e curto, ombros largos, viera um ano pelas vindimas, não se sabia bem donde, e por ali ficara. Diziam-no de maus figados, rancoroso, não faltando quem lhe imputasse morte de homem. Como, porém, se portara com valentia no barulho do Vide—as pauladas que descarregou no Torga puseram-no à beira do túmulo,—e como para mais, se atrevera uma vez, à meia-noite, a entrar sózinho no cemitério donde trouxe um punhado de terra, gozava de certa simpatia, mesmo duma admiração vaga. Menos das môças, que essas embirravam com êle, achando-o atolambado, gastador, feio e de má pinta. Isso, de resto, não o amargurava. «São umas cabras!»—e a respeito de mulheres nunca lhe tinham ouvido outra opinião. Trabalhador, consumia tudo em fumo e vinhaça. Nas redondezas abria rôl em quanta chafarica havia.

Ao vê-lo, todo fargola, o Soares torceu as ventas. Ele, contudo, nem o olhou. Pimpão avançara para um grupo e, numa alegria descabida, alto, de forma que todos os ouvissem, basofiou:

—Pronto! cá está o rapaz p'ró que fôr preciso.

Ao lado, baixo, alguém disse, lembrando-se do incidente da véspera:

—Temo-las...

Fôra o caso que no dia anterior, precisamente no minuto de maior algazarra, o Salvador pedira um litro. O taberneiro, porém, não se mexera.

—O' seu Soares—repetiu—bote um litro, faça favor.

Encarando-o fito, o outro jogou-lhe:

—E o que deves?

Um instante pasmado, respondeu o **Pote da Graixa** galhofeiro:

—Homem, não estamos na Falperra, pagarei. Quere que jure?

—Não vivo disse. Calotes, bastam os que tenho.

O Salvador respingara:

—Está a falar a sério?—e cresceu para êle.

O vendeiro arreganhara os dentes:

—Deixa-te de farólias!...

O que se seguiu mal se compreendia. O Aristides assegurava a pés juntos que o Soares atirara um murro ao peito do Salvador, o Roberto, ao contrário, protestou pela cinza dos seus defuntos ter enxergado o **Pote da Graixa** cuspir na cara do contendor. Certo, isto: insultos, nomes torpes bolsados em fúria. Um quási estendido sobre o mostrador, livido, agarrado pelas espáduas, faces em brasa, o outro. E, inclinado para a frente, as cordoveias do pescoço tumbidas uma baba branca aos cantos da boca, Salvador acabara por gritar:

—Seu púlha! Eu nunca preguei fôgo à casa dos outros, ouviu?

Já empoleirado no balcão, o Soares rouquejava:

—O' filho duma grandessíssima...

—**Pote**, não te percas, seu Soares lembre-se dos filhos, agarra-ram-nos.

E, cheio de fel, o Salvador largara...

...—Temo-las. Tão certo...—ouve-se outra vez.

—Lá se avanham—cortou o Noé, acendendo um paivante.

Esbaforido, a carapuça enterrada até às orelhas, o miúdo do Narciso berrou da porta:

—Senhor pai, a água entrou na corte e a **Galante** está aqui está afogada.

A' pressa, o Narciso acabou de emborcar o copo, e abrindo passagem e limpando os beiços às costas da mão, resmoneava:

—Ra'is partam a vida!

Uma lufada de vento encanara pela loja fazendo tremer a chama do gasômetro. Horas de ceia, dois ou três partiram. Caído a um canto, nuca sobre um saco de enxôfre, o Ráimundo ressonava de boca muito aberta.

—**Pote**,—interrogou o Singlindim—pagas meio?

—Talvez—respondeu.

Virando-se para o Pilinhas:

—Ainda tens daquelas navalhas espanholas? A que me vendeste afiei-a hoje. Aço de quilate. Talvez sirva para tirar o chiadoiro a certos pirangas...—E, dizendo isto, um sorriso velhaco a saltar-lhe dos lábios, encarou o taberneiro, que, logo a ferver, inquiriu:

—Falas comigo, ó coiso?

O outro deu um passo. Arrogante:

—E se falasse?

O Soares começou a perder a côr. Refreando-se:

—Cala o fole senão vais p'rá rua com um pontapé na rabadi-lha.

—Não vejo homem...

No seu canto, julgando-se na cama, o Raimundo grunhiu:

—Joaquina, deita mais uma manta. Que raio de frio, ó Joaquina!

De repente, das bandas do largo, veio um grande estrondo.

—Lá foi a mimosa...

Puseram-se à escuta. O vendaval bramava.

Arredando o bufarinheiro, Salvador fez telintar uma moeda no balcão.

—Bote um litro.

—O taberneiro aproximou-se. Desdenhoso:

—Guarda o dinheiro, aqui não se vende vinho a garotos. Com-preen...

Não houve tempo de findar. Em bicos dos pés, rápido, o **Pote** sacara da navalha, e num impulso violento cravou-lha na garganta, uma, duas, cinco vezes. Um jacto de sangue fumegante bateu-lhe em cheio no rosto. Calmo, gozando o estupor dos outros, êle limpou-se à manga do casaco—e, mostrando a lâmina longa firme na larga manápula, rouquejou:

—Aquêles que se chegar é homem morto.

Deu um passo. Todos se afastaram. Sem os desfitar, costas para a porta, bateu o cravelho. Depois, caminho desimpedido, formou um pulo... engolfou-se na noite.

E' manifesto que a educação e o ambiente, influi em grau maior ou menor o esquizoide como o cicloide: mas esta influência é sempre limitada pelas condições mesmas do pênico e do astênico. Tais influências não podem anular o tipo, mas apenas modificá-lo nas suas atitudes, combinando-se de formas muito variadas.

O esquizoide tanto pode ser conservador fanático, como revolucionário fanático, como metafísico igualmente fanático, qualquer que seja o sistema. E' característica do esquizoide o autismo e o «tudo» ou «nada», o «cavaleiro ou vagabundo»; assim êle está automaticamente na

extrema direita ou na extrema esquerda: no meio é impossível, pela própria natureza das coisas.

A acção do esquizoide é simples. Como «actos», pertence à própria vida; o resultado do acto, ao contrário, opõe-se à vida como um Imperativo categórico, um dogma. Por esta razão a sua acção é fundamentalmente anti-social; o esquizoide opõe às massas a hipertrofia do seu Eu, que procura impôr-se a tudo e a todos. O esquizoide, socialmente, é assim conduzido a um conflito com a própria vida, e tende a aniquilá-la. Mas ao mesmo tempo, como elemento de reacção, de inadaptação, contribue para facilitar o

fluxo da vida, destruindo o «conven-cional», o resultado petrificado do trabalho histórico. A sua acção tem um valor positivo e objectivo; afasta o obstáculo que impede o fluxo; e ao mesmo tempo procura impôr a êsse fluxo a directriz dogmática.

O cicloide tende a dissolver-se, e a sua acção é dessa forma um calmante social, porque se adapta ao condicionalismo da vida; organizador, constructor, intervém precisamente no momento em que o conflito esquizoide com a vida se torna insolúvel e agudo. Tende desta forma a conciliar o Ideal com o Real. Ao contrário do esquizoide no limite, o cicloide tende a dissolver tudo no ma-

rasmo dum equilíbrio sonolento. E' o elemento que atenua as arestas dos extremos, as asperézas do esquizoide; assim tende a tudo polarizar no centro, amolgando os extremos. O seu positivismo e realismo, o seu humorismo condescendente neutraliza o idealismo fanático, e a sua tolerância suaviza os imperativos categóricos, tentando conciliá-los com o real. Dêste complexo sistema de acções e reacções, conjugado com a mecânica própria do complexo social, isto é, independente da causalidade psico-somática, e com a influência das forças exogênes, resulta a movimentação social no seu conjunto, variedades e modalidades, a coberto de uma lei geral.